

Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros..... 2\$500 réis
Semestre ou 26 numeros..... 1\$300 »
Trimestre ou 13 »..... 700 »
Avulso..... 60 »

— ANNO I — 25 DE SETEMBRO DE 1881 — N.º 32 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros..... 1\$000 réis
Semestre ou 26 numeros..... 500 »
Trimestre ou 13 »..... 250 »
Avulso..... 200 »

SUMARIO

GRAVURAS:—A visita do medico; O thesouro de familia; Uma fonte em Maisons Lafitte; Odessa.
TEXTO:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; Esperando, por Murian's Pina; Horas de ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

ACTUALIDADES

O presidente Garfield cessou de existir. Nada fazia prever este desenlace funesto—nem outro me-

lhor. Durante dois mezes e meio a agencia llavas inundou o mundo de telegrammas contradictorios que hoje o davam quasi em plena convalescença, amanhã o pintavam a debater-se nas convulsões der-

radeiras. A noticia da sua morte seguiu-se precisamente a uma serie de despachos que não fallavam senão em melhoras progressivas. Quem deve estar furioso a estas horas é o *Diario de Noticias*. Quinze



A VISITA DO MEDICO.

dias depois do attentado, elle lançava pelos seus vinte e seis mil exemplares esta brusca e concisa noticia aos seus leitores: «Garfield morreu.» No dia seguinte, apressava-se a rectificar-a. Pois se tem teimado, acertava. Foi realmente uma leviandade d'aquella folha o não ter persistido.

Estas incoherencias das informações telegraphicas já as ouvi explicar a um professor de medicina, distinctissimo, por uma forma que alluvia consideravelmente a agencia Havas das accusações que lhe fazem. Segundo essa opinião respeitabilissima, os telegrammas não fizeram senão reproduzir e accusar fielmente as repentinas e imprevisas variantes que se operavam no estado do enfermo. Se houvesse um apparelho para exprimir em diagramma os graus de intensidade d'um mal, como o sphygmographo reproduz n'uma linha ondulada a agitação irregular do pulso, esse apparelho, applicado ao presidente Garfield accusaria no papel pelos accidentes do traço as mesmas coisas contradictorias e imprevisas que a serie de telegrammas da Havas communicou durante quasi tres mezes ao mundo.

Explica-se isto da seguinte forma.

O presidente Garfield tinha uma bala no corpo e nunca foi possível extrahir-lh'a, por nunca se saber onde parava.

Se a bala estivesse alojada n'uma perna, n'um braço, ou n'uma região qualquer do corpo em que um exame radical e uma operação resultante d'esse exame não pudessem offender algum órgão essencial à vida, em breve a encontrariam. Foi mesmo esse o caso de Garibaldi. Uma bala hospedára-se-lhe n'uma das pernas e ignorava-se o caminho que seguia. Julgava-se já que não seria possível libertar o illustre sublevado da hospedagem de similhante importuno, quando Nelaton apresentou um apparelho electrico, cujos dois reophoros, introduzidos na ferida, deviam assim que tocassem um corpo metallico unir-se, fazendo vibrar uma campainha. Posto o apparelho em acção, a campainha telintava d'ahi a pouco e a bala era extrahida.

Isto porém, que se podia fazer n'uma perna, era de difficilissima, de impossivel execução n'um ventre horivelmente dilacerado. P'rtanto, entregue a si propria, a bala de Guiteau, como de resto todas as balas, e mesmo todas as coisas, ou estava parada ou andava.

No primeiro dos casos, as melhoras accusavam-se logo, o doente ganhava força e animo, os medicos participavam-n'o aos *reporters*, os *reporters* atiravam-se de escantilhão pela escada abaixo em direcção aos seus jornaes, a agencia Havas punha as duas mãos em tubo adeante da bocca para reforçar o som e berrava com toda a força dos seus pulmões ao mundo inteiro: — Está convallescente o presidente Garfield.

No dia seguinte, Garfield agitava-se na cama, ou, enganados pelas melhoras, os proprios medicos o mandavam transportar d'uma para outra das suas residencias e a bala mexia-se.

Consequencias naturalmente oppostas — excepto no que diz respeito aos *reporters* que se esbaforiam da mesma forma e á agencia Havas que tornava a pôr as mãos um tubo para gritar: — O presidente Garfield está agonisante.

Um movimento mais rude da bala maldita veio pôr termo a esta terrivel situação, resolvendo-a pelo modo mais lugubre. Não é sem um sentimento de terror involuntario que se pensa n'esse extorção que durou oitenta dias e o mesmo sentimento, embora modificado, não deixa de nos agitar ao lembrar-nos d'essa outra agonia consciente e exacerbada de re-

morso, que se desenrola n'uma estreita cella da prisão de Washington e a que um sargento — a que iam quasi chamar caridoso — tentou ha dias pôr termo, pelo processo summario de Lynch, mettendo uma bala no corpo do criminoso.

Ha quasi tres mezes, os ministros portuguezes iam a toda a pressa ao paço da Ajuda pedir a S. M. para telegraphar a Garfield rogando-lhe que salvasse da morte um nosso compatriota, condemnado no territorio americano á pena ultima; o pedido foi attendido e mal adivinhava então Garfield que a morte, a quem elle roubára uma presa, ia tomar em breve n'elle proprio a sua desforra tremenda.

Por uma associação de ideias facil de comprehender, sobretudo a um jornalista á mingua de assumptos, a morte de Garfield recordou-nos a morte de Abrahão Lincoln, assassinado tambem por um fanatico, irmão do maior tragico americano, que faz admiravelmente os *Hamlets* e os *Othellos*. E a palavra *Othello*, imprevisamente proferida no meu cerebro, poz-me de subito em frente d'essa magnifica tela que eu vi ha meia hora apenas n'uma das salas da nossa academia e que é uma dadiwa oriental d'um capitalista opulento, o sr. visconde de Franco, ao nosso unico estabelecimento de pintura.

Logo no limiar da ante-penultima sala, se vê brilhar ao fundo, sob a projecção intelligente d'uma luz opalina e coada, a coloração poderosa do quadro. Aproximando-se mais o observador as figuras accusam-se, ganham um relevo energico, uma intensidade maravilhosa de vida. O leito de Desdemona, cujo cortinado está erguido, mostra sob o lençol, sob a fina gaze da camisa as formas onduladas e doces da suave creatura. Os cabellos loiros e revoltos enchem de oiro o travesseiro, onde poisa, como uma ave assustada, o rosto formosissimo um pouco inclinado para traz, mostrando os olhos cerrados, as narinas frementes, os labios entreabertos n'uma suspeita de sorriso que lhe vem talvez d'um sonho. No primeiro plano, calcando aos pés um tapete da Persia, Othello espia o dormir da amante, occultando-se com o cortinado dilacerando com as unhas o peito bronzeado por onde escorrem quatro rios de sangue. Uma lampada d'azeite verte sobre a scena a sua claridade amarella e debil. Um jacto de luz, que vem da alvorada decerto, inunda o leito, enchendo o rosto da dormiente com uma pallidez de morte. E no entanto na parede, por cima d'um contador arabe, deliciosamente trabalhado, duas rosas brancas elevam a uma imagem da Virgem o psalmo do seu aroma. E nada mais delicado, mais poetico e ao mesmo tempo mais intencional do que essas singelas flores piedosamente enlaçadas, postas ali como um detalhe, quasi negligentemente e todavia enchendo a tela toda com a irradiação de innocencia, de pureza, de fé virginal e christã, que se exhala, como um luminoso perfume, da alma d'essa creatura branca e loira que além dorme tranquilla e que vai instantes depois morrer.

Os accessorios do quadro, as roupagens do moiro, o contador a que alludi já, a lampada suspensa e bruxoleante, o tapete persa, etc., são maravilhosamente estudados. A attitudem de Othello porém deixa a desejar, a anatomia do seu pescoço é exagerada, a mão que lhe dilacera o peito dá a expressão estranha e grotesca d'um carangueijo enorme, cravando as suas pinças n'um peito humano. *Et cetera.*

Todavia é de tão largo folego aquella tela, ha alli uma pulsação tão forte de talento, de energia, de individualidade, ha um lançamento tão independente de pincel, que se não pôde deixar de reconhecer, apesar de todos os defeitos e exageros de processo e de execução, que o sr. Visconde de Franco, pa-

gando por 3 mil duros aquella obra de arte, provou mais uma vez uma verdade immoral que se observa no mundo: — que só os ricos é que compram barato.

RIUEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

A VISITA DO MEDICO. — Um dos dramas da vida real pintado com mão firme pelo artista belga Heyermans! Todas aquellas physionomias fallam, desde a do personagem principal, esse João Semana flamengo cuja impassibilidade professional se attenua um pouco em presença das anciedades d'aquella mãe, da dôr muda do pai, da angustia pungitiva da avó, desde essa até a definhada physionomia da criança enferma! Cada figura tem a expressão que deve ter, a dôr não se manifesta de igual modo em nenhum dos rostos em que ella crava a sua garra aguda. A mãe é sobretudo admiravel. Está concentrada toda no filho. Sente-se que ninguém padece mais do que ella, mas sente-se tambem que impoz silencio a essa dôr para travar com a doença corpo a corpo uma luta suprema, e que ha de vencer porque nada ha mais forte n'este mundo do que o amor de mãe!

O THEOURO DE FAMILIA. — Um livro de horas! Por alli rezou a veneranda avó, de que vagamente se lembram as loiras e pensativas crianças, e a joven mãe, ao mostrar-lh'o, com um doce e terno sorriso, n'esse aposento, onde os velhos moveis conservam tambem um aspecto senhorial e antigo, faz passar para os seus juvenis espiritos todos os sentimentos sacratissimos que se ligam com o respeito da tradição, com o culto dos antepassados. O quadro é de um toque fino e elegante, que logo denuncia as delicadezas supremas das mãos finissimas e effectivamente o artista é uma senhora, Madame Catharina Bischoff.

UMA FONTE EM MAISONS LAFITTE. — N'um recanto da vasta quinta, que a folhagem de arvores frondentes abriga contra os ardores caniculares, ergue-se uma antiga fonte de pittorescas esculpturas, invadida pelo musgo, pela hera, e pelas plantas trepadeiras. Corre a agua com abundancia d'essa bocca enorme, e vai cair no tanque onde crescem plantas aquaticas.

Sitio encantador, em que espalha a fonte uma doce frescura, encantando ao mesmo tempo o ouvido com o seu agradável sussurro. Outr'ora uma nymphá dos bosques ou das fontes alli teria fixado a sua residencia, mas hoje que já passou o tempo das nymphas, vem substituil-as essa gentil menina, vestida com a elegante simplicidade de uma castellã dos nossos dias. Foi colhendo flores pelo caminho, e para as banhar com o orvalho dos aguas sussurrantes, foi que procurou esta recondita fonte.

Chama-se Burgers o auctor do quadro, que soube reproduzir com perfeição esta scena de uma adorável simplicidade em que, para nos interessar, não precisou mais do que de uma juvenil senhora, de uma fonte crystallina, e de um singelo ramalhete.

OBESSA. — A cidade da Russia da Europa, que a nossa gravura representa, está situada á beira do Mar Negro, e tem uns cem mil habitantes, sendo muitos Gregos. Tem uma universidade, fundada em 1862 e é porto franco desde 1817. Tem alem d'isso escolas de linguas orientaes, de commercio e de hydrographia, ruas excellentes e bellos monumentos, uma industria desenvolvida, e importante

commercio de cereaes. Era apenas uma aldeia em 1792, Catharina II ampliou-a em 1793, e deu-lhe o nome de Odessa, em memoria de uma antiga colonia grega, *Odessus*, que lhe ficava proxima.

O duque de Richelieu, foi, durante a emigração, governador d'esta cidade, deu-lhe um grande impulso. Em 1834, no tempo da guerra da Criméa, a esquadra anglo-franceza bombardeou a fortaleza e o porto, mas teve todo o cuidado de poupar a cidade.

ESPERANDO!

(A miss Laura)

Como sempre, n'este domingo, a tia Eugénia foi á villa. Era um costume de familia, e uma necessidade — que vinha de traz! Já a mãe, quando ella era pequerruchita, a levava em cima do burro, entre os ceirões. Tinha a a seu lado na feira, iam á missa das onze, e á tarde, nas escadas da cadeia, comprava-lhe cinco réis de pinhões, que vinha descascando todo o caminho com a sua navalhinha de uma folha, comprada pela feira de S. Bernardo. Na villa, depois da missa, vendiam os grãos da colheita, algumas fructas, algumas hortaliças; e compravam o peixe, o petroleo, o assucar para toda a semana.

Era sempre a mesma jornada de todo o anno! E pouco se variava. Só em setembro é que se ia mais longe — até á Nazareth, ver as festas, a entrada dos cirios, o fogo de vistas, a tourada; ou uns mezes antes voltava-se para baixo, pela estrada de Lisboa, e ia-se até ás Caldas, ver abrir o hospital.

— «Uma festa muito linda, onde vae muito povo, o poder do mundo! E vê-se lá n'uma sala, uma esteira de flores, como bordas a malmequeres, que até pasma como mãos humanas tem geito para tanto!...» referem as pessoas que visitam.

N'este domingo, como lhes comecei a dizer, a tia Eugénia foi á villa! Quando passou pela «rua das lojas» o correio que já a conhecia, disse-lhe que tinha uma carta para ella, e que era de Lisboa.

De Lisboa? de quem seria? Não conhecia ninguém na cidade. Talvez alguma herança perdida! Se assim fôsse... Que outra cousa não poderia ser. Só recebia cartas do filho, e esse, o seu Alfredo, tinha-lhe escripto ia para tres mezes do Brazil, e não dava razão de vir tão cedo.

— «Olhe; aqui a tem. Eugénia Moreira, só voce-mecê. Eu não tenho tempo para lh'a ler agora. Vá acolá defronte, ao caixeiro do Agostinho. Não tem ninguém na loja.»

— «Lá isso é que não! Uma pessoa vê caras e nan vê corações, e eu não quero que me aconteça o que aconteceu ao outro, que lhe mandaram uma ordem para receber cem mil réis, e disseram-lhe que eram recados d'um primo, e foi uma vez toda aquella di-nheirama!» conversou de si para si a tia Eugénia, enquanto olhava para o sobrescripto, sulcado por uma letra desigual e barriguda. E não sei porquê, elle teve um presentimento de que ali dentro se occultava uma boa nova.

— «Mas de Lisboa?... Até me dá pena chegar a esta idade sem saber uma palavra de escripta. E qualquer rapazola de seis annos já lê com tanto desembarço como o dōitor delegado!... Que até faz scismar uma pessoa!»

Arranjou as suas cousas o mais cedo que pôde. Comprou os arranjos da semana e tratou de se pôr a caminho, para ir ter com o padre Figueira, o da sua freguezia, que lhe havia de ler a carta. E espicou a jumenta para chegar a tempo á sua terra, uma al-

deia a dois kilometros d'Alcobaca, edificada n'uma baixa, apertada de todos os lados por pinhaes densos e bronzeados, d'onde o vento tira sons longiquos e cheios, que se perdem no ar como os eccos retumbantes e sonoros d'um grande órgão esmaecendo as ultimas notas graves d'um *Requiem*.

As seis horas a Eugénia Moreira tinha chegado á terra. Desapparelhrou a burra e guardou as compras. Andava pouca gente pela rua. Podéra! Se agora é que deviam estar a deixar a villa... Á porta atou o lenço, pôz a saia pelos hombros, guardou a carta e dirigiu-se para casa do prior. A tarde estava serena e luminosa. Um vento brando agitava de manso as ramarias glaucas dos arvoredos, sonoras de pardaes. Os passaros cantavam nas gaiolas. Duas rolas punham no ar vibrante uns gemidos castos e langorosos, d'amores que partem para muito longe! D'alguns curraes vinham sons pesados e surdos — bois que se escornavam; carneiros que iam marrar de encontro aos taboados.

O padre Figueira morava no alto, mesmo ao pé da ermida. Um recanto de sombra fresca e uma fonte, espaiando um regato sobre toalhas de relva onde se apanhavam pintasilgos. Tinha uma casa muito alva, com primeiro andar, uma parreira á porta, janellas de peito por onde entravam em agosto os primeiros cachos, offerecendo-se submissos ao estomago delicado e guloso de Sua Reverendissima. Uma casa que era um socego! A visinhança apontava-a como exemplo — e em Alcobaca concordavam que *andava ali* grande mysterio para um padre tão fino, tão delicado, se vir metter entre os brutos! «Nunca se ouve o arrastar d'uma palha!» — elogiavam. O Paraíso, o verdadeiro Paraíso terreal, com uma ama rolaça, a *senhora* Eufémia, e um gato fulvo, o *Bichano*!

A Eugénia deu volta á aldraba, e entrou. Cá de baixo, da cosinha, n'uma atmosphera silenciosa e recolhida, uma voz perguntou:

— «Quem é?»

— «Gente de paz, sr.^a Eufémia. Sou eu.» E deitando a saia para baixo, pôz-se á espera.

A Eugénia estava á porta da casa de jantar, uma casa mobilada a pinho, a que o tempo tinha dado um tom de castanha. Cadeiras hirtas, de encontro ás paredes caiadas e nuas; um armario alto e frio, com a expressão d'um oratorio, mettido n'um recanto de penumbras; uma meza com as abas caídas, sem toalha, onde havia rumores de moscas, que rolavam zumbindo; do tecto pendiam tristemente, como lagrimas sujas, tres mosqueiros de buxo secco; no ar nadava uma exalação morna de passas engavetadas; e no peitoril da janella, assombreada pela parreira vezeante, o gato fulvo ronronava a sua asthma, estendendo as pernas, aguçando as unhas na madeira, e lambendo-se com a sua aspera lingua, escarlate como uma cereja mal madura. Em cima andava gente. Era o sr. padre Figueira. Os seus passos largos atravessavam diagonalmente a sala, e as suas holtas rangiam com um mysterio de sacristia. Isto penetrou no espirito da Eugénia. Talvez fôsse inconveniente fallar-lhe agora. Talvez Sua Reverendissima estivesse nas suas rezas. Effectivamente sentia-se o *aaááá* de quem lê baixo, comendo as syllabas, ouvindo-se apenas um ruido sonoro. A Eufémia appareceu. A Eugénia adiantou-se, e em voz baixa:

— «Perdõe-me se a vim incomodar...»

— «Essa é boa! Estava entendendo rmasa para uns biscotinhos. O *menino* fin-a-se por ellees!...»

— «Sua Senhoria está?»

A Eufémia confirmou abanando a cabeça.

— «Pois eu vinha-lhe pedir para que me lesse

uma carta... Se não incomodo Sua Senhoria!» juntou submissamente.

A Eufémia desapareceu. Passados momentos outros passos cruzaram a mesma sala e uma voz sonora disse alto: «Pois sim, que suba!»

Subiu. O prior andava estudando um sermão. Quando Eugénia chegou á porta tirou os olhos do papel, e encarou-a com um sorriso. Era uma cara pallida, macia, d'uma oval perfeita, a cara do reve-rendo. A testa era larga, aberta, de grandes cantos; o cabello curto, penteado para traz; a barba sempre muito cuidada; um labio fino e levemente rasgado, onde resaltava uma fita vermelha e estreita, como o contorno d'um lapis; uns dentes muito brancos, miudinhos; a gola sempre nova; a batina limpa e correcta, sem uma dobra; as mãos bonitas e cheias; uns dedos carnudos e setinosos, terminados por unhas côr de rosa, polidas como agathas. E quando Sua Reverendissima se voltava, a sua corôa pequenina e branca, excellentemente tratada, punha uma nota viva e distincta n'esta cabeça onde um cabello muito preto luzia com as tonalidades d'uma aza de corvo...

— «Então que temos de novo, tia Eugénia?»

— «Era uma carta que hoje me deram na villa, e eu vinha pedir a Sua Senhoria a esmola de m'a lôr.»

— «Pois sim, dê cá.» E o padre Figueira fazendo sentar Eugénia, sentando-se a seu lado, rasgou com uma thesoura o *enveloppe*, tirou cuidadosamente a folha de papel, e leu com uma voz clara e nitida:

«Minha mãe»

— «É do meu Alfredo! Pois elle está em Lisboa?» interrogou anciosamente a pobre mulher, com o olhar banhado d'uma alegria communicativa.

— «É do seu Alfredo, é. Ora escute:

«Estimarei que ao fazer d'esta esteja gozando de perfeita saúde na companhia de quem mais estimar, pois a minha é boa, graças a Deus.

Minha mãe. Aqui cheguei a esta cidade no dia 1 do corrente a bordo da barca *Victoria* 1.^a. Vou passar comsigo o Santo Antonio. No sabbado espere-me na estrada que eu hei de sair da diligencia para ir pelo atalho até casa. Recados a todos que por mim perguntarem. Pede-lhe a benção o seu filho

Alfredo Moreira»

Naquella noite já não dormiu, a pobre velha. A ideia de que em poucos dias havia de ver o filho, a unica pessoa no mundo por quem o seu coração amoroso batia, dava-lhe uma alegria immensa, como se na sua alma se tivesse entornado a flux todo o azul dulcissimo d'um inteiro céu de primavera! E se não fosse o filho que tinha ella que fazer no mundo? Vira morrer-lhe o marido, trazido em braços para casa, a cabeça rachada ao meio, os cabellos empastados em sangue e em lama, os olhos meio cerrados, deitaram-lh'o na cama cinco cavadores d'enxada que o encontraram gemendo no meio d'umas terras, eram quasi nove horas, uma noite de inverno, chuvosa, lamacenta; — e nunca se soube quem lh'o tinha assassinado! Vira morrer-lhe a filha, tinha já dezoito annos — uma mulher! Lidava como uma dona de casa; os rapazes requestavam-n'a; toda a aldeia gostava de a ver, fresca e corada como uma papoula; onde ella pousasse pousava a felicidade; as suas co-lheitas eram sempre as melhores; e quando veio o mal ás vinhas, a sua dava sempre para cima d'uma pipa! Andaram na terra umas bexigas; algumas creanças tombaram para a cova; ella tratou oito dias um afilhado, e ao cabo caiu de cama, com negreias,

grandes febrões, perdeu logo a razão — e morreu! quem era capaz de vender vida aos mortos!... Restava-lhe apenas o seu Alfredo. Era um bom rapaz, trabalhador e honesto. Mas chegou aos vinte annos, veio o recenseamento, o rapaz teve medo que lhe caísse a sorte, e fugiu, e embarcou — e ella, a pobre

corrida pela Senhora da Nazareth, a quem o capitão, um de S. Martinho, offereceu um barco de marfim, que se via na casa das promessas, por occasião das festas.

No dia seguinte, ainda o sol não tinha nascido, já se ouviam passos em casa da Eugenia. A sua figura

sempre muitas nozes e muitas passas para dar aos garotitos que lhe vinham bater á porta. Aos cincoenta e seis annos os seus cabellos eram quasi todos pretos, destacando-se bem na testa estreita e queimada do sol. O seu olhar negro e intenso, que ardia como um diamante, era em tudo doce e bom. Via-se-lhe



O THEOURO DE FAMILIA.

Eugenia, ficou só no mundo, sem saber por muito tempo se o filho era vivo ou morto.

Por fim teve noticias d'elle. Andava pelo Brazil, embarcado, fazendo fortuna. Já tinha ido á Costa da Mina, tinha passado muitos trabalhos, ia naufragando no Cabo, sempre na *Victoria 1.ª*, uma galera que ia dando á costa em Peniche, mas que foi soc-

meã, um pouco descarnada, movia-se d'um lado para o outro, á luz d'uma candeia de petroleo, erguendo para o ar um penacho negro de fumo. A sua cara trigueira, torrada, como o trigo tremez, ticha uma bella expressão d'honestidade. Nunca tivera uma questão. A vizinhança respeitava-a, e as creanças gostavam d'ella, porque, pelo «Pão-por-Deus», tinha

na iris profunda a expressão dolorosa d'uma alma sempre contrariada; mas sobre a sua desgraça caia um santo orvalho de resignação christã, uma grande fé ne seu bom Deus, o «Soberano Senhor, Creador dos ceus e da terra!» como diziam as creanças em côro, na igreja, nos domingos em que havia doutrina. N'esta palavra immensa — o Mundo — só havia

uma cousa que ainda lhe dava esperança — o seu Alfredo. Pouco lhe importava que a sua casa ardesse, que uma cheia destruisse os pomares, que o Deus do mal espalhasse nos seus domínios todo um punhado de fatalidades. No meio de tudo isto só a fazia desanimar a noticia de que seu filho morrera.

os lados casaes, aldeias, pequenas villas, campanários dominando montes de casas muito brancas, manchas enormes de pinhaes densos, campos de trigo e milho, pomares, rios que se torcem em *SS* e que parecem immoveis na fixidez do *chrystal*; — e por cima de tudo isto, como a protecção maternal

— esta vastidão d'esmeralda que lhe dava medo, a ella! Se lhe dissessem para entrar n'um barco preferiria morrer a andar sobre as aguas. Mas se seu filho precisasse do seu auxilio, então, tel-a-ia a seu lado!...

O sol subia já, vermelho e inflammado, contornando a sangue as primeiras nuvens. Uma alegria enor-



UMA FONTE EM MAISONS LAFFITTE.

Muitas vezes atravessava a serra. Chegava a um dos pontos mais elevados e olhava para todos os lados. Que immensidade! que grandeza! Como o seu Deus pairava gloriosamente sobre tudo isto, como se sentia, como se fazia comprehender agora... Tanta extensão de terras! «Nem tanta tinham os frades bernardos!» — commentava de si para si. Por todos

das cousas, um céu purissimo, d'onde pendia, lampada d'ouro, brilhante e viva — o Sol, inundando de luz gloriosa todo este oceano de natureza, toda esta orquestração das vidas que palpitam nas choupanas e que palpitam nos curraes. E não era ainda aqui «neste mundo» que seu filho estava! Ainda era mais longe, no meio do mar, talvez! O mar!

me inundava-a. O filho chegaria no sabbado. Ia vê-lo! Ha quanto tempo que não dizia isto! Havia seguramente seis annos... é verdade, fazia seis annos para o S. João que o não via. E toda ella era vida, era movimento. Sentia-se com vinte annos de menos, no tempo em que punha á cabeça um poccoiro de batas novas!

Toda a semana gastou-a em arranjar a casa. Andou caçando as paredes, lavando os sobrados, limpando os vidros, ensaboando os bancos, os armários e as mezas, que até parecia haver noivado próximo! A Rita do Casal chegou a dizer, com o seu arsinho velhaco, de quem entra em mysterios equívocos:

— «Aquillo arranhou pé de boi na villa! Vae casar, verão, vae casar! É pela certa!» E gargalhadas explosivas aos serões...

A Eugénia, porém, não fallava a ninguém. Estava metida no arranjo da sua casa e d'ali não sahiria tão cedo. A sexta-feira guardou-a para preparar o quarto ao «seu hospede», como lhe chamava. Foi bater os colchões, tornal-os fôfos. Depois, foi ao fundo da arca buscar os melhores lençóis. O de cima fôra o do seu casamento. Tinha rendas, para a dobra. Dera-lh'o a madrinha. Nunca mais serviu. Guardara-o para a filha quando se casasse — e era o Alfredo quem o ia usar.

— «Guardado está o bocado para quem o hade comer! É bem certo o rifão!...» E ficou-se pensativa por um momento.

Tinha sido também este, o seu quarto de noivado! Parecia como que uma resurreição do passado, já tão distante! Quando pôz a coberta de seda verde, a mesma do casamento, sobre a cama, e a almofada bordada, e os laços de setim côr de rosa nos apanhados do travesseiro, e foi dependurar á cabeceira o seu quadro de Santo Antonio, os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas, e enterrando a cabeça nas roupas, ficou-se soluçando, a pobre de Christo, tendo no espirito, bem presente, a figura do seu Francisco, o seu bom e honesto marido, a quem ella se ligou com tanto amor, e de quem bem cedo foi separada pela mão d'um canalha, d'um assassino, que a justiça não poudo descobrir... Quando se levantou já o sol baixava por detraz dos sobreiros. Uma meia luz diffusa e discreta enchia todo o quarto onde fluctuava um perfume activo de mangericão. A aldeia recolhia. Sentiam-se as *juntas* passarem, sonoras de chocalhos, e vozes cantavam, descendo as encostas... Quando a Eugénia pôz sobre o banco de pinho uma bacia de mãos, e dependurou n'um prego uma toalha muito clara, já quasi que se não via. Da janella descobria-se a lua, recurvando-se no alto, como um alfange de aço polido...

A diligencia passava ás nove horas da manhã seguindo caminho d'Alcobaça. A Eugénia esperava-a, assentada á sombra morna d'um pinheiro. D'aquelle sitio via-se pouco a estrada, porque uma curva partia-a a curta distancia. Esperou meia hora. Ouvio uns guizos de carro que subia a ladeira. Pôz o ouvido á escuta; um golpe de vento levou os sons para outra parte. Agora ouvia-se apenas o zunir do fio telegraphico, fazendo ecco na campanula de porcelana, do poste proximo. Esperou. Tornaram novamente a ouvir-se. Vinham n'uma cadencia offegante, agora claros e vivos, infallivelmente sacudidos por pescocões de animaes que sobem a custo. Um estalo de chicote rebotou no ar. Depois um impulso violento de animaes — os guizos soando com mais força. O vento revolveu de novo e os sons desapareceram. Era a diligencia, não havia duvida. O coração batia-lhe apressado, convulso, como uma veia comprimida. Parece que ia suffocar. Levantou-se. As pernas tremiam-lhe. Que era? Alegria certamente, a alegria de ir tornar a ver o seu Alfredo. A diligencia appareceu na volta. Fixou muito a vista na almofada.

— «Vem tudo cheio! Provavelmente vem fóra. Deve ser aquelle que acólá vem, com um chapéu d'outro feitio. O meu querido filho!...»

A diligencia approximava-se cada vez mais. No seu

olhar brilhava uma anciedade febril. Já se distinguia as physionomias. Mas não era aquelle, que pena!

— «Se fosse, já me tinha visto, já me teria mostrado um lenço! Então é que vem dentro, vem!... Tanta gente que vae para a villa! É para passar o Santo Antonio com as familias... Mas o carro já passou o atalho! Então não parou, não saiu ali? É que nem já se lembra do sitio, coitado! Pist! Pist! Pist! Ó seu Manel! Manel Cocheiro! Não vem ahi o meu filho, o meu Alfredo, que vem de Lisboa?!»

O Manuel parou a diligencia. A Eugénia correu para a portinhola do carro, gritando: «Alfredo! Alfredo!» Vieram risos lá de dentro... Todas as caras desconhecidas. Senhoras de Lisboa, de fatos poeirentos, fartas da jornada, olhavam indifferentemente pelas janellas os terrenos lá em baixo, um grande campo pintalado de pinhaes e de aldeias. A Eugénia fez-se muito branca.

— «Que é, tia Eugénia?» perguntou o cocheiro, sopeando o gado.

— «Não vem aqui o meu filho?»

— «Nada, nan senhor!»

— «Nem ficaria nas Caldas?»

— «Qual! Todos os passageiros vem de Lisboa. Só ali na volta para S. Martinho é que desceu o filho do Azeitão, o embarcadoço.» Bateu os cavallos, e blasphemando:

— «Má raio te partam, Urso, que nan queres andar!» E o chicote estalou de novo. A diligencia, com um impulso forte dos animaes, desceu a todo o galope, caminho da villa. Quando a viu sumir-se lá no extremo, n'uma onda de poeira levantada do macadam, é que a Eugénia se voltou para onde tinha deixado a jumenta, — e foi-se caminho da freguezia, a pé, olhando insensivelmente para o chão, muda e confusa. Quando entrou em casa as visinhas pasmaram de a ver só. Ninguém se atreveu a interrogar-a. A rapariguita que a ajudava nas voltas da casa é que contou depois que todo o dia andara lavada em choro...

Tinha caído a noite sobre um domingo alegre de sol — uma noite escura, sem um raio de luar, apenas erivada dos scintillamentos das estrellas. A Eugénia sentada á porta contava á Luiza Minhôta que o seu filho não apparecera nem hontem, nem hoje; e que tinha pedido ao Zé Agostinho para que visse se tinha carta no correio, e nem carta, nem noticia.

— «Para mim é que são as desgraças do mundo!» E ficou-se olhando a fogueira que ardia largamente, ao grande ar da noite. Era a fogueira do Santo. Tinha-se cortado um grande mastro de piteira, á borda d'um atalho. Uma rapariga fizera uma bandeira de seda encarnada, com um *registo* de Santo Antonio, para cravar no extremo, onde havia um enorme ramo de flores, encimado por uma boneca de polvora, as saias cheias de bombas, os braços feitos de dois valverde, para ser queimada á meia noite. Fez-se um buraco defronte do adro da igreja, e enterrou-se o mastro seriam duas horas. Era enorme, como ha muitos annos não apparecia outro assim. Depois arranjou-se mato, rama de pinheiro, limpeza das arvores, e cannas velhas de favas. Uma fogueira de mão cheia! Havia duas duzias de foguetes, e na villa os rapazes tinham empregado os seus cinco réis em bixas. A fogueira ardia rubramente, illuminando uma grande area. As suas enormes chammas, como as d'um predio incendiado, punham tons vermelhos nas paredes brancas das casas, ensanguentando-as. E os rolos convulsos e espessos do fumo que subia estorcendo-se no ar em mil volutas, estendiam sombras disformes pelas ruas, sombras que se encolhiam, que se alongavam, correndo em todas as direcções,

trepando pelas paredes, pelos telhados, ora subindo mansamente, ora caindo de chofre, como uma valsa macabra de espectros que se escondem, que resurgem, que se amassam, e que se dissolvem! Andava pelo ar um ruido vibrante de festa. As raparigas rubras do calor, os cabellos ao vento, tocadas de tonalidades escarlates, como se fossem contornadas por um lapis de fogo, dançavam com vertigem, cantavam alto, queimavam alcachofras. Toda a terra sorria a esta luz intensa que chegava a illuminar a torre da igreja, vendo-se o sino luzir, inflamar-se, na polidez do bronze, no sitio em que o badalo feria a campanula.

A Eugénia estava sentada á porta, immovel, olhando insensivelmente a fogueira, os olhos rasos de lagrimas. A distancia alguém apeiou-se d'um cavallo, e perguntou a uma mulher:

— «Onde mora a tia Eugénia?»

— «É ali, é ali!» repetiram vozes em côro. O desconhecido aproximou-se, dando as boas noites.

— «Guarde-o Deus...»

— «Eu sou o filho do Manel Azeitão...» E a custo: «Venho de Lisboa!»

— «Vio o meu filho?» interrogou febrilmente a pobre velha.

— «Vi, sim senhor...» E o rapaz calou-se, indeciso, sem saber por onde começar. A Eugénia tinha entrado para dentro de casa e fechára a porta. Lá fóra ouvia-se o crepitar da fogueira. Um foguete, no ar, rebentava; e uma bixa veio morrer junto do poial.

— «Mas então que lhe succedeu? porque não veio hontem, nem hoje?»

— «Não poudo vir!» E as palavras proferia-as a custo, como a quem repugna uma revelação fatal.

— «Está preso?... está doente?... muito doente?...»

— «Nan senhor!... O seu filho, tia Eugénia...»

Houve um silencio profundo e gelido. A casa era muda. A candeia ardia com tristeza, como um cyrio na penumbra oppressora d'um mausoleu. Pela porta da frente via-se o quarto do Alfredo, branco, virginal, como o quarto que espera uma noiva. A alvura das paredes tinham uma suavidade de marmore despolido; via-se um pedaço da cama, onde a coberta de seda recebia espelhamentos vivos da luz que entrava, e na meza da cabeceira uma jarra azul cheia de flores, sorria, espalhando no ar o seu hálito fino e perfumado. Lá fóra os sinos repicavam como nas manhãs frescas dos noivados, sentia-se a lenha estalar ardendo, e algumas guitarras repentinamente fandangos alegres e faceis...

— «Morreu o meu Alfredo?!»

O rapaz passados minutos d'um silencio esmagador explicou como fóra o caso. No dia em que tinham de deixar o navio o Alfredo teve de subir ás vergas, o rio estava mau... havia balanço... um pequeno descuido... caiu... e não o puderam salvar! A Eugénia ergueu-se birta e silenciosa, abriu-lhe a porta, deu-lhe as «boas noites» e sentou-se no poial. Com a cara fincada nos pulsos, pôz-se a fitar a fogueira, as chammas que subiam lambendo a treva, os troncos em ignição, todo este brazeiro que a olhava com o seu olho ardente e feroz, d'onde saíam faiscas inflammadas que subiam na noite como uma ascensão d'estrellas. No seu rosto não havia a minima expressão de dôr. Apenas uma pallidez cadaverica, um suor frio caindo, a physionomia impassivel, immobilizada, o olhar pasmado, fito no mesmo ponto ardente. De quando em quando, esta phrase surda, monotona, sem expressão, saindo impertinente, caindo-lhe do labio descorado com a regularidade fatigante do pendulo:

«Vem amanhã!...» E callava-se, para mais tarde descer os dentes que rangiam á contracção das maxillas, e dizer de novo: «Vem amanhã!...»

E começou a ir todas as manhãs á estrada perguntar ao Manuel Cocheiro, se trazia na diligencia o seu Alfredo.

— «Já não vem, tia Eugénia. Foi para o céu!»

— «Vem amanhã!...» e voltava para a freguezia.

Ninguém a contrariava. Tinham-lhe comprehendido o desgosto, o desarranjo mental. Os rapazitos que cresciam começavam a chamar-lhe a *Tonta*. O nome ficou-lhe. Todas as manhãs os passageiros da diligencia vêem uma velhita esfarrapada e suja, descalça, os hombros cobertos por uma saia cheia de remendos, um lenço esburacado e ennegrecido, sair do pinhal e perguntar ao cocheiro: «O meu Alfredo?»

Elle já lhe acena com a cabeça — que não! Os passageiros atiram-lhe sobre a cabeça. Mas a *Tonta* volta insensivelmente para casa, balbuciando ao abrir da porta o seu velho estribilho: «Vem amanhã!...»

E vai machinalmente bater o travesseiro, concertar a coberta de seda, e pôr flores novas na jarra azul...

MARIANO PINA.

HORAS DE OCIO

Embrulhada cryptographica

Ale. an. illu. ale. co. rea. an.

OCIOSOS DE CAÇADORES 4.

Pergunta indiscreta

Quanto riscos é necessario juntar a cinco para produzir vinte?

H. GRICHARD.

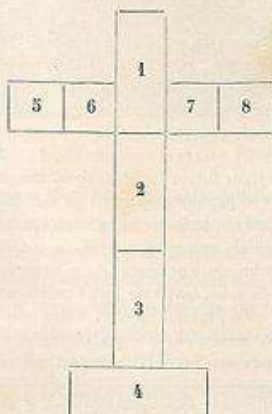
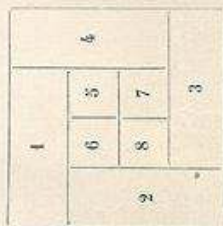
Phantasia arithmetica

Qual é o numero, que dá de resto 1, 2, 3, 4 e 5, quando seja dividido por 6, 7, 8, 9 e 10?

OS PIERROTS.

Soluções dos problemas do n.º 30

Problema geometrico



Phantasia arithmetica. — Eram 23 touros pretos, 89 brancos e 188 raiaos.

Enigma. — Como saio errado, e tivemos de o repetir no n.º 31, não damos agora a solução.

Palavras quadradas:

A R A R A
R E V E R
A V I V A
R E V E R
A R A R A

Embrulhada historico-geographica. — Antonio Ferreira.

Pergunta indiscreta. — Ribeira de Moldes.

Lexicologia. — Avintes.

Soluções certas

Problema geometrico. — Sebastião Correia dos Santos (Alemquer), H. Grichard, A. G. de Oliveira Santos, Marcelino José Teixeira, Joaquim Ricardo dos Reis Pereira, Manuel Antonio Coelho Zilhão, Domínio Escarlata (Tavira), Vasco (Coimbra), X. Y. Z., Antonio G. de Mendonça, S. C., Um aldeão (S. João do Campo), Alexandre de Oliveira, Euclides.

Phantasia arithmetica. — Sebastião Correia dos Santos (Alemquer), H. Grichard, Manuel Antonio Coelho Zilhão, Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Raul, Ociosos de caçadores 4, Vasco (Coimbra), X. Y. Z., Mascara vermelha, Correia de Almeida, Um aldeão (S. João do Campo), Alexandre de Oliveira, Sousa (Espinho de Mortagua).

Palavras quadradas. — Sebastião Correia dos Santos (Alemquer), H. Grichard, Vasco (Coimbra), Edipo, X. Y. Z., Mascara vermelha.

Embrulhada historico-geographica. — Antonio P. Nobre (Porto), Manoel Antonio Coelho Zilhão, Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Vasco (Coimbra), Edipo, L. C., Antonio G. de Mendonça, Ociosos de caçadores 4, J. J. Garrana (furriel de caçadores 4), Euclides, Sousa (Espinho de Mortagua).

Pergunta indiscreta. — H. Grichard, A. G. de Oliveira Santos, Manoel Antonio Coelho Zilhão, Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Domínio Escarlata (Tavira), Ociosos de caçadores 4, Edipo, L. C., Mascara Vermelha, Gilencas (Lagos), J. J. Garrana (furriel de caçadores 4), Sousa (Espinho de Mortagua).

Lexicologia. — Marcelino José Teixeira, Edipo, X. Y. Z., Lacio, (Porto), Sousa (Espinho de Mortagua).

Nota. — As respostas á pergunta indiscreta foram diferentes, mas como satisfaziam ás condições da pergunta, inserimos, como de costume, nas *Soluções certas* o nome dos que as deram.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améris

(Continuado de pag. 247)

XVI

Padeço de uma estragante doença mervosa, a que todos os habitantes da Siberia são mais ou menos sujeitos: o «miryak». N'aquelle dia eestorcia-se a pobre creatura em violentas convulsões.

A mais velha das duas yakutes, era mãe da enferma, a outra uma visinha, que viera visitá-la.

N'aquelle momento, ouviam-se as seguintes palavras, pronunciadas em alta voz, fóra da cabana:

— Ha por ahí uma chaleira?

— Que devo responder? perguntou a visinha.

— Quantos são? disse a mãe da doente.

— Quantos são os senhores, replicou a primeira mulher.

O ladrar dos cães não deixou ouvir a resposta.

— Quantos? repetiu ella.

— Sete! ouviu-se então distinctamente.

— Abra! ordenou a velha yakute.

A visinha abriu a porta.

Appareceram Yegor e Yermac. Sobre os seus fatos de pelle via-se mais de uma pollegada de geadas. Nadege por sua vez entrou na cabana, amparada por Lafleur. Tekel trazia o pequeno Ladislau entorpecido pelo frio, a ponto de estar como paralytico. Chort postou-se á entrada recebendo os abafos, que cada um tirava quando entrava.

Yegor avançou alguns passos: depois vendo a joven yakute, junto da qual se collocaram as duas mulheres, mostrou-a com o dedo ao parisiense, que logo foi ter com a doente.

— Não te aproximes, disse ella fazendo um movimento para traz: tu vens do frio!

— Que tem ella? exclamou o sr. Lafleur; e interrogou a mãe com o olhar.

— Ah! Sempre Ogropono-Djiganskoy! disse a velha.

Não era a primeira vez que o mestre de dansa ouvia fallar da bruxa Agrippina (Ogropono) de Djigansk, cuja memoria ainda atormenta e agita toda a Siberia. Esta mulher vivia no seculo passado. Ai d'aquelle, que lhe não tribulasse toda a consideração, que ella exigia! Metamorphoseando-se em corvo negro, perseguia-o nas caçadas, nas viagens, desencadeando contra elle tempestades violentas, fazendo cabir na agua as suas bagagens, chegando até a desvairar-lhe a razão. Aos oitenta annos de idade os olhos da bruxa eram ainda tão brilhantes como a estrella da manhã, e a sua voz tinha o som claro, que produz o chrysal quando é percutido.

A rapariga, ao ouvir pronunciar o nome da maldita feiticeira, foi accommetida de novo accesso. O sr. Lafleur teve uma inspiração. Para começar, tirou a sua rebeça, e collocou-a sobre a mesa ao lado das optimas iguarias, preparadas para um opiparo banquete.

Fez signal aos companheiros para se sentarem nos bancos que havia em roda da casa.

— E estes preparativos de brodio? disse elle mostrando os pastellinhos, as tortas, o peixe e gelado.

— Esperavamos hoje o pae, respondeu a velha yakute. Não voltou da caça do verão — e minha filha está com um ataque: duas desgraças é muito no mesmo dia...

— Que idade tem ella? perguntou o sr. Lafleur.

— Já nevou dezoito mezes depois que ella veio ao mundo.

— Vou curar a tua filha.

— Tu és «chaman?»

— Sou, e venho de muito longe...

O sr. Lafleur queria talvez significar que ninguém é propheta nem «chaman» na sua terra.

Depois o parisiense com grande auctoridade convidou os companheiros a tomarem alguma cousa do que estava sobre a meza.

— Estamos esfaimados, disse elle, e vamos comer tudo isto, porque teu marido não chega hoje nem amanhã.

— E não torna mais a voltar? perguntou a velha com anciedade.

— Torna, posso affiançar-te, respondeu cheio de certeza o sr. Lafleur, não recuando deante de uma mentira, para bem desempenhar o seu papel de feiticeiro. E accrescentou: vaes ver até onde chega o meu poder.

¹ Feiticeiro e medico.

Dizendo isto, lança mão da rebecca, e apesar do entorpecimento dos dedos, tirou alguns sons harmoniosos. Principiou a tocar uma aria, reminiscencias de um romance ou de uma oração.

As primeiras notas despertaram a attenção da rapariga, que em breve mudou de posição e sentou-se; depois tremendo toda, os olhos perdidos em uma especie de extasis, dirigiu-se para o musico, inclinou-se-lhe defronte pondo as mãos, curvando mais e mais o corpo quando elle tirava sons graves do instrumento, erguendo-se com as notas agudas, encantada, radiante, embevecida, com os braços estendidos. A doença nervosa tomava novo aspecto.

A' ultima nota, deitou-se no chão como se estivesse suspensa pela melodia. O sr. Lafleur levantou-a, conduziu-a para o banco, em que ella estivera havia pouco tempo, e disse á velha yakute:

ro da sua tribo. Antes de vir estabelecer-se nas margens do Kolima, era chefe.

Ajudada pela mulher que abraçara o sr. Lafleur, a esposa de Metek levou a pesada meza para o angulo em que estavam sentados os viajantes, e sentando-se tambem, convidou-os a comer, dando ella o exemplo. A joven possessa, exorcizada pelo feiticeiro do bairro de Santo Antonio, tomou lugar ao lado do seu libertador.

(Continua)

CORRESPONDENCIA

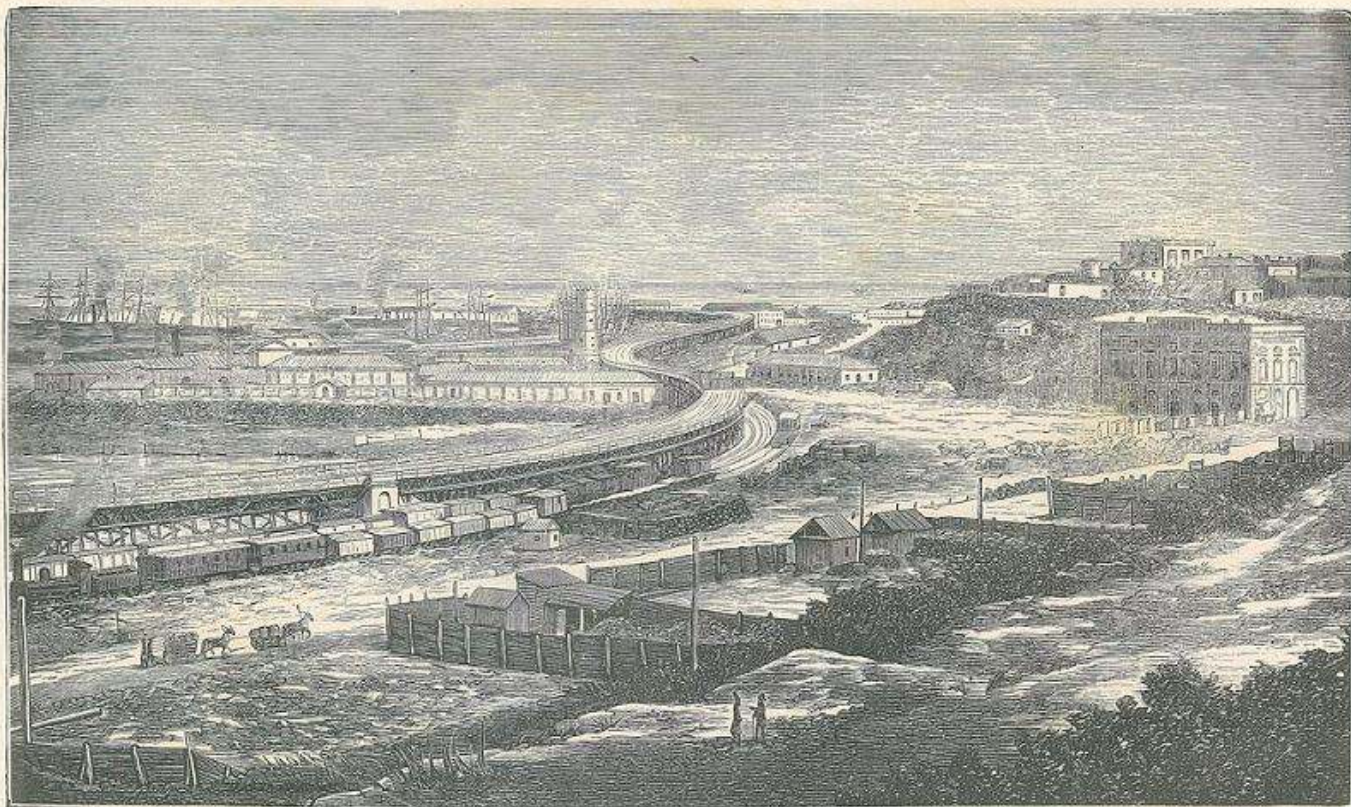
H. G. — Se deixou de sair o seu nome na secção das *Soluções certas*, devendo figurar alli, foi isso de certo motivado por algum extravio de carta, o que succede com demasiada frequencia, apesar de todos

ta por esse mundo de Christo, um grande numero d'elles nos vem bater á porta, e os assignantes zangam-se se lhes damos muita versalhada. O soneto entrará a seu tempo.

Os *Pierrots*. — As soluções dos problemas do n.º 29 chegaram tardissimo. Começamos a não perceber estas demoras. A posta interna está fazendo a mais decidida concorrência aos caranquijos. Um dos problemas lá vai, o outro pedimos licença para o não publicar, porque temos uma tal alluvião de problemas d'esse mesmo genero que precisamos de fazer rateio.

H. — Deus do céu! Não nos suppunhamos tão terribes! Gostamos ás vezes de rir n'esta secção desenfadada, mas Deus nos livre de fazer sangue. Tinha que ver se os assignantes apitavam!

Reclama a nossa indulgencia; pode contar sempre com ella todo aquelle que emprega as horas vagas da sua existencia em trabalho util, e que se apresente



ODESSA.

— Agora chá, «babuchka», 'chá, muito chá, e tua filha está livre de perigo,—curada para muito tempo, talvez para sempre.

A mãe da doente desfechou n'um pranto de alegria. A outra yakute, uma feianchona de cabellos escuros, moça casadeira, que tinha o rosto pintado de varias côres, veio abraçar o sr. Lafleur á moda do paiz. Parecia maravilhada.

Nadege disse a Yegor:

— Muito bom homem é este Lafleur! Faz tudo isto por nossa causa! para nos proporcionar uma agradável hospitalidade.

Yegor julgou de seu dever juntar as suas felicitações ás que recebia o supposto feiticeiro.

Era muito de ver-se a cara triste, compassiva a Yernac. Só lhe faltava ser compadre de um charlatão! pensava elle.

— Bemvidos sejam, disse a velha yakute aos seus hospedes. Agora queiram compartilhar do que temos de melhor. Estão em casa de Metek, o primei-

'Velha, mãe.

os nossos esforços. Os seus problemas não estão no limbo, ou, se estão, devem esperar que os liberte a decisão de algum Christo a essas regiões sinistras. A respeito do quadrado não tem razão. Perece o nosso illustrado correspondente que não podemos defender, de lança em riste, em campo aberto ou estacada, as soluções dos problemas que se nos enviam, mas desde já podemos affirmar-lhe que nunca chamámos quadrado ao intervalo entre dois quadrados.

Giovanni Bippenno. — Chegou tarde. A carta vem datada de 14, mas *flanou* muito pelo caminho. De quem foi a culpa? Não sabemos. O enunciado do problema effectivamente podia ser mais correcto, mas, como apesar da incorrecção todos o entenderam, isso não deixa de provar alguma coisa a favor do sobredito enunciado.

Morpheu. — Tudo se fará como ordena, mas venham as decifrações com a brevidade que promette. Estamos anciosos. Não que o seu nome para uma pressa não é lá dos mais tranquillizadores!

J. A. O. N. — São harmoniosos os seus versos, e o seu soneto não merece de certo ir para o limbo; mas não pode escapar do purgatorio, porque ha muito poe-

modestamente, o que é sempre uma prova de merecimento verdadeiro. A sua inesperienza do jornalismo fez-lhe porém escolher um d'estes velhos assumptos que tem sido vinte vezes impingidos ao publico, a titulo de curiosidade; em todos os helodomarios portuguezes desde o *Ilamihete* até ao *Universo Illustrado*. É assim que o infeliz leitor d'esses periodicos se tem fartado de saber as manias dos homens celebres, as datas das diferentes invenções, a longevidade dos diferentes animaes, as opiniões dos escriptores da antiguidade a respeito da mulher etc., tudo excessivamente curioso para quem é pela primeira vez a esse respeito informado, mas que se torna uma verdadeira *scie á quarta* ou quinta vez que nos dizem com toda a gravidade que Buffon escrevia com punhos de rendas, que as cartas de jogar foram inventadas no tempo de Carlos VI, e que o papagaio vive um seculo. Recurso fatal e inevitavel de todos os jornaes atrapalhados com falta de original, estas informações, a noticia de macrobios assombrosos, e as crianças que nascem com sete dedos em cada mão, inspiram justicadamente aos assignantes o mais profundo terror. Volte pois para outro assumpto menos casto a sua attenção, e teremos immenso prazer em lhe publicar os artigos.

TYP. E LIT. PORTUGUEZA—39, CALÇADA DO TIJOLO, 39 (á rua Formosa)